

Pudemos no entanto, informalmente, recolher alguns títulos que indiciam já preferências temáticas:

- Naramsin e Saul como figuras trágicas
- A ideia de história transmitida pela arte egípcia
- As relações externas do Egipto na época de Akhenaton
- Samuel Usque: «Consolaçam às tribos de Israel»

Para quem, como o signatário, não participa, obviamente, de forma directa no mestrado, nem por isso passa despercebida a forma positiva como o mesmo decorre e sobretudo a forma como os mestrandos a ele se referem. E das opiniões que, em análises despretenhiosas, pudemos escutar, ficou-nos a ideia de uma correcta e alician-te prática pedagógica, feita naturalmente de trabalho e pesquisa, em aulas que cumprem os calendários previamente estabelecidos e que vieram a culminar, no pretérito ano lectivo, com a apresentação e discussão pública dos trabalhos monográficos de investigação elaborados pelos mestrandos de História e Cultura Pré-Clássica.

Outro aspecto realçado, e que parece ter merecido a concordância generalizada dos interessados, foi o facto de o programa curricular apresentar com muita seriedade o elenco das disciplinas que, de facto, podiam ser concretizadas em função dos docentes existentes, especializados nas matérias que, de uma forma lógica e harmoniosa, se relacionavam com os estudos pré-clássicos.

Luís Manuel de Araújo

NO DESAPARECIMENTO DE L. FUKS

As notícias do desaparecimento de pessoas queridas ou, noutros casos, que, pelo menos, admiramos, cruzam-se por vezes. Abrindo, há poucos meses, a revista *Studia Rosenthaliana* (vol. XXIV, n.º 1, da Primavera de 1990) editada em Amsterdão pela Biblioteca Rosenthaliana, da Universidade daquela cidade, procurava encontrar um artigo, que para aí escrevera, em memória do livreiro antiquário português, Alfonso Cassuto, entendedor da Imprensa hebraica como não muitos outros.

O meu artigo aí publicado fez-me rever, pelo menos, o rosto desse mestre de livreiros (e coleccionador de edições sobre «autos-de-

-fé»), com quem tivera o privilégio de me encontrar, urna última vez, em Glassshuten, perto de Frankfurt, num jantar, por ocasião do histórico leilão dos livros do Comandante Vilhena, promovido pela «Reiss & Auverman». Mas mais triste do que isso foi ver, antes desse artigo, uma notícia, assinada pelo director da «Rosenthaliana», Adri K. Offenbergl, intitulado, lacónicamente, «In. Memoriam Dr. L. Fuks». E, logo de seguida (e antes do meu texto) um escrito do próprio Prof. L. Fuks, dando — por ironia do destino — a notícia da morte desse outro grande estudioso que foi o Prof. H. de la Fontaine Verwey.

A morte de L. Fuks surpreendeu-me, tocou-me, dada a carga humana que evolava da sua pessoa, do grande erudito. Era uma pessoa que me estava, de certo modo, próxima. Em carta de 30 de Janeiro (de 1990), que me enviara — em resposta a uma minha, de 12 desse mês — ele havia-me dirigido algumas palavras, sobre a edição em fac-símile dos *Comentários ao Pentateuco*, de Moses ben Nahman, de que eu fora responsável pouco tempo antes, palavras essas que verdadeiramente me confundiram.

Esta notícia da morte de L. Fuks deixou-me um tanto estupefacto. Até porque eu tinha em mãos, nesse período (1990), um projecto em que contava com a colaboração desse distinto historiador. Ou seja, estava na tipografia, em finalização, a edição em fac-símile de *Os Judeus Portugueses em Amesterdão*, de David Franco Mendes e J. Mendes dos Remédios (edições Távola Redonda, Colecção Monumenta Ivdaica Portvcalensia, I) e havia sido aprazado — com o co-director da mesma colecção, o Prof. H. P. Salomon, da Universidade de Albany, nos Estados Unidos — editar-se em 1992 o segundo volume da mesma colecção, que consiste precisamente (a ideia mantém-se) no conjunto das notas redigidas por L. Fuks para a obra de David Franco Mendes, *Memórias do Estabelecimento e Progresso dos Judeus Portugueses e Espanhóis nesta Famosa Cidade de Amesterdão* (Amesterdão, Van Gorcum, Assen, 1975).

Se essa notícia que lemos na *Studia Rosenthaliana* nos deixou contristados pela irreparável perda do grande mestre dos estudos judaicos, em 12 de Julho de 1990, fez-nos sentir, por outro lado, a importância de um homem partir com o dever cumprido: a sua obra aí está a prová-lo, de uma forma clara, inequívoca.

Ao deixar o mundo dos vivos, com 81 anos, L. Fuks legou aos seus contemporâneos uma vasta e rica obra no domínio dos estudos judaicos. E vivendo num país em posição excelente para analisar a história das múltiplas correntes ideológicas do Judaísmo, a Holanda — onde desde fins do século XVI afluíram grupos de judeus portugueses que tiveram de se exilar deste recanto da Península — ele pôde

dedicar vários dos seus estudos quer aos judeus do Ocidente, ou *sephardim*, quer aos judeus das regiões do leste europeu, os *yddish*.

Interessa-nos aqui evocar, por razões óbvias, alguns dos principais trabalhos — livros essencialmente — dedicados pelo incansável especialista de temas hebraicos aos judeus peninsulares (portugueses e espanhóis) e à sua cultura histórica, nas comunidades criadas em Amesterdão e outros pontos das antigas Províncias Unidas, a actual Holanda.

Vamos deter-nos apenas em três trabalhos de L. Fuks, preparados em colaboração com sua esposa, a Dr.^a Rena Fuks-Mansfeld, que em muito contribuíram para um melhor conhecimento das fontes judaico-portuguesas hoje existentes em instituições culturais holandesas. Eles marcam, de uma forma clara, o percurso intelectual do especialista que agora nos deixou, as suas gamas de interesse neste domínio concreto.

Tais trabalhos são o Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Rosenthaliana, bem como o Catálogo de Manuscritos da Ets Haim/Livraria Montezinos, Comunidade Sefardita de Amesterdão. Em consonância com estes livros está um mais recente, sobre a Tipografia Hebraica no Norte da Holanda.

Em 1973, com efeito, L. Fuks e Rena Fuks-Mansfeld principiaram a sua obra, em dois volumes, intitulada *Hebrew and Judaic Manuscripts in Amsterdam public collections*. Enquanto o volume I se intitula *Catalogue of the manuscripts of the Bibliotheca Rosenthaliana, University Library of Amsterdam*, o volume II, de 1975, por seu lado, o *Catalogue of the manuscripts of Ets Haim/Livraria Montezinos, Sephardic community of Amsterdam*.

Cerca de uma década depois, mais precisamente em 1984, principiou a ser publicada nova obra dos mesmos investigadores, desta feita sobre o contributo dado pelos judeus à arte tipográfica e ao pensamento em geral na Holanda. Trata-se da obra *Hebrew typography in the Northern Netherlands, 1585-1815. Historical evaluation and descriptive bibliography*. O primeiro volume da obra saiu naquela data; o segundo só veio a aparecer em 1987. Tendo todas as obras até aqui referenciadas sido editadas pela «E. J. Brill, Leiden», o catálogo desta empresa, referente a 1989, indicava que ainda se encontrava um terceiro volume (da mesma) em preparação. No prelo estava, então, uma outra obra dos mesmos autores, intitulada *Oid-Yddish anthology. With a general introduction, introductory notes and glossaries*. Este trabalho, dividido em dois volumes, apresenta(rá) no vol. I, *Bible-paraphrases in rhyme and prose; From chivalric romances to popular prose-books; Storie from different times and places*, e, no vol. II,

Chronicles and historiography; A choice of fables; From Purim-shpiln to emancipatory theatre play.

Vamos desenvolver, aqui, apenas duas ou três reflexões acerca da importância, sobretudo, das duas primeiras daquelas obras. Em relação ao Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Rosenthaliana é de frisar que se encontram, aí, numerosas fontes de interesse para a história da vida dos judeus portugueses na Holanda, sobretudo durante os séculos xvi e xvii. E vem a propósito lembrar que essa Biblioteca da Universidade de Amesterdão possui, além dos manuscritos, também uma valiosa colecção de impressos judaicos, uma parte dos quais chegou ali provenientes de Lisboa.

Entre essas fontes figura a colecção de manuscritos vendida pelo livreiro-antiquário português Alfonso Cassuto à Universidade de Amesterdão. Aí se integra, por sinal, o valioso manuscrito com a tradução para a língua portuguesa — a primeira para uma língua europeia — da maior parte da liturgia judaica, datado de 1540 (fonte esta que será, em breve, objecto de estudo e edição por parte do Prof. H. P. Salomon). Entre alguns dos outros mais valiosos trabalhos que se encontravam na referida Colecção Cassuto, conta-se uma colecção de impressos com registos sobre autos-de-fé realizados quer em Portugal continental, quer em terras do Império português.

Uma dessas publicações é de uma importância fundamental para a História da Imprensa portuguesa em Velha Goa no século xvii. Trata-se da obra *Sermão que o Padre Diogo de Areda da Companhia de Jesus pregou no acto da Fé que se celebrou na cidade de Goa, domingo 4 dias do mês de Setembro do Ano de 1644* (obra saída dos prelos da Companhia de Jesus, do Convento de S. Paulo, em Velha Goa, naquela ano).

Uma outra reflexão nossa vem no sentido do destino de uma parte do valioso conjunto de manuscritos que até há alguns anos se manteve na *Ets Haim*, em Amesterdão (retomando-se aqui uma questão que já abordámos em 1990, precisamente no estudo introdutório que escrevemos, com H. P. Salomon, para a edição de *Os Judeus Portugueses em Amesterdão*, dos já referenciados autores).

Entre Setembro de 1978 e Julho de 1979, ou seja, nove anos antes de desenvolvermos em Amesterdão um programa de pesquisa, todos os manuscritos — dos que tinham sido objecto de uma exaustiva catalogação por parte do casal Fuks (na sua obra publicada em 1975 já referida) —, bem como cerca de 2000 impressos, seleccionados de entre 25 mil, foram levados, em caixas, de Amesterdão para a Biblioteca Universitária de Jerusalém. Tais obras foram, nessa cidade de Israel, objecto de uma grande exposição em 1980.

Essas preciosas fontes, porém, e lamentavelmente, não chegaram a ver mais a Holanda, onde tão carinhosamente foram compostas e zelosamente guardadas durante séculos. É que, depois de terminada a referida exposição, tais manuscritos, bem como os impressos, ficaram depositados, com a incompreensível anuência dos dirigentes do Seminário e Biblioteca de Ets Haim, na Biblioteca de Jerusalém. De nada serviram, com efeito, os protestos de professores, especialistas da história da presença portuguesa em Amesterdão, das autoridades municipais, e até mesmo do ministro da Educação da Holanda...

E se hoje é possível conhecer-se a valiosa coleção de manuscritos que saiu da Ets Haim para Jerusalém, tal ficou a dever-se, uma vez mais, a esse valioso e emérito investigador da história da presença judaico-portuguesa em Amesterdão, L. Fuks, que há pouco nos deixou, e que aqui desejamos evocar, pela grandeza do seu trabalho, pela seriedade da sua investigação científica.

Manuel Cadafaz de Matos

(Universidade Católica Portuguesa,
Faculdade de Ciências Humanas)

«O DILÚVIO DE QUÉOPS» E TORTURAS PIRAMIDAIS

Realizou-se em Fevereiro do corrente ano, nas instalações da Missão de Macau em Lisboa, uma palestra subordinada ao título «O Dilúvio de Quéops», sendo orador o Sr. Paulo Guilherme d'Eça Leal. Tratava-se, como foi anunciado, de uma «comunicação sobre a antiga ciência egípcia» e, de acordo com o texto dos convites, iriam ser reveladas na sessão «novas e importantes descobertas sob a grande pirâmide» (s/c).

Já alguns dias antes tinha o conferencista divulgado as suas «descobertas» numa palestra realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, numa organização do Acarte (25 de Janeiro) e, para os que não tinham conseguido a ela assistir, promoveu-se uma segunda. A intenção era, em suma, divulgar as conclusões a que finalmente o autor tinha chegado após dezasseis anos de estudos piramidais.

A Missão de Macau em Lisboa começou então a enviar os convi-